



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ERONALDO FERNANDES DE ARAÚJO

**A NEGAÇÃO DA MORTE EM *O CURIOSO CASO DE BENJAMIN
BUTTON***

**GUARABIRA-PB
2019**

ERONALDO FERNANDES DE ARAÚJO

**A NEGAÇÃO DA MORTE EM *O CURIOSO CASO DE BENJAMIN
BUTTON***

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Análise
literária

Orientadora: Prof. Dr^a Rosângela
Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658n Araújo, Eronaldo Fernandes de.
A negação da morte em o curioso caso de Benjamin Button
(manuscrito) / Eronaldo Fernandes de Araujo. - 2019.
18 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades ,
2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Morte. 2. Negação. 3. F Scott Fitzgerald. 4. Tempo
subjetivo. I. Título
21. ed. CDD 150

ERONALDO FERNANDES DE ARAÚJO

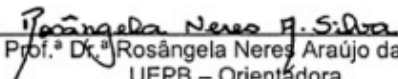
**A NEGAÇÃO DA MORTE EM O CURIOSO CASO DE BENJAMIN
BUTTON**

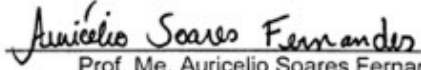
Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciada em Letras.


Área de concentração: Análise
literária

Aprovado em: 07/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Rosângela Neres Araujo da Silva
UEPB – Orientadora


Prof. Me. Auricelio Soares Fernandes
UEPB – Examinador


Prof. Dr. José Viliam Mangueira
UEPB - Examinador

Ao Deus todo poderoso que sempre esteve presente em meus caminhos.

Aos meus familiares que são a base da minha estrutura e que nunca me permitem desistir.

Aos meus amigos e colegas.

A todos vocês, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos que demonstraram preocupação para com a conclusão de um ciclo da minha vida, sem suas investidas esse artigo poderia não existir ficando um caminho percorrido sem o conhecimento do fim e, em especial, a professora Rosângela Neres que me aceitou num momento muito apertado dentre os prazos estabelecidos.

“A imaginação é como um braço extra, com o qual você pode agarrar coisas que de outra forma não estariam ao seu alcance.”

Jean-Paul Sartre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 O TEMPO SUBJETIVO E A CONSTRUÇÃO DO HERÓI	10
3 TEMPO E NEGAÇÃO EM O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON...12	
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	18

A NEGAÇÃO DE FITZGERALD EM O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON

ARAÚJO, Eronaldo Fernandes de¹

RESUMO

Considerando os aspectos atribuídos ao personagem Benjamin Button, cuja narrativa nos conduz para uma viagem através do tempo real subvertido, no qual o “pequeno” personagem nasce idoso, aos 70 anos, e vai retornando ao momento de sua concepção, mostramos neste artigo como o escritor F. Scott Fitzgerald aponta a metamorfose que o tempo causa. Buscamos demonstrar a inquietude da passagem do tempo e a construção do herói, por meio de estudos da psicanálise recorrendo a Becker (1973); o estudo das concepções de tempo subjetivo de Nunes (2003), a abordagem da personagem de ficção, de Candido (2004), dentre outros autores. Ao encontrarmos a ligação entre o autor e o personagem fazendo da obra talvez a mais pessoal, vemos que F. Scott Fitzgerald nos mostra a negação da velhice a rejeição da morte.

Palavras-chave: Morte. Negação. Tempo Subjetivo. F. Scott Fitzgerald.

ABSTRACT

Considering the aspects related to the character Benjamin Button, whose narrative drives us to a journey throughout the real subverted time, in which the “little” character is born old, around 70 years old, and returns to the moment of his conception, we point out in this article how writer F. Scott Fitzgerald shows the metamorphosis caused by time. We intend to demonstrate the uncomfortable time passage and the hero construction, through the psychoanalytic studies by Becker (1973); the subjective time approaches by Nunes (2003); the fictional character studies by Candido (2004), among other researchers. Finding the relations between the author and his character, since a personal masterpiece, we understand that F. Scott Fitzgerald shows us a negation of ageing and a rejection of death.

Keywords: Death. Negation. Subjective time. F Scott Fitzgerald.

¹ Graduando em Letras – Português/Inglês, pela Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva. E-mail: eronaldoaraujo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao nos perguntarmos sobre o tempo decorrido de uma forma não convencional, descaracterizado por completo da sua ordem física e natural, vemos possibilidades desconhecidas existentes dentro da narrativa ficcional.

Em *Curioso Caso de Benjamin Button*, conto publicado em 1922, esse tempo reverso demonstra não só a possibilidade narrada pelo autor, como nos mostra também a sensação de presente e futuro negada pela ordem cronológica e a não conceitualização do tempo. Faz-se necessário ver na obra o tempo como um personagem cuja ação modifica o curso da narrativa, o senhor da razão pela qual os acontecimentos são diretamente ligados.

O tempo psicológico retrocedido na obra traz à tona que o fim é desconhecido; logo, fugidio. Dessa forma, ele é temido, caracterizando a não conformação do autor com seu destino: a velhice, onde o faz lembrar que está cada vez mais próximo da morte. Reverter a ação do tempo leva o escritor a encarar a negação da morte e a criticar uma sociedade cuja aparência é o centro de tudo.

A vitalidade natural de um corpo jovem, com a capacidade afluada de realizar todos seus desejos, demonstra que seremos incapazes de assumir as mudanças temporais e torna difícil conviver com quem nos tornamos, visto que nossa mente não tenha acompanhado tal processo de envelhecimento corpóreo.

Este artigo está dividindo em dois tópicos. O primeiro trata da subjetividade do tempo, onde buscamos a definição temporal que não é mensurável e no qual a ficção pode subverter suas notações e realizações objetivas (horas, minutos, início, meio e fim). O segundo tópico, mostra a negação do tempo em *O Curioso Caso de Benjamin Button*, mostrando a crítica existente sobre a velhice e os anseios por juventude. Ademais, apresentamos as considerações finais e as referências utilizadas no trabalho.

2 O TEMPO SUBJETIVO E A CONSTRUÇÃO DO HERÓI

Nosso tempo cronológico, contado e sucedido por eventos interligados como nos é conhecido e esperado, é de uma forma confortável por ser passível de interpretar, partindo do princípio da causalidade que afirma que para toda causa há um efeito. Naturalmente, uma ordem cronológica traz consigo relatos do passado construindo histórias e nos confortando ao passar dos anos ao firmar nossas conquistas, fracassos, evolução e continuidade. Assim, afirma Nunes: "Daí a irreversibilidade do *tempo físico*, que tem uma direção (NUNES, 2003, p. 19).

Dentre as nossas habilidades como seres pensantes, abrimos possibilidades e variações para "fugirmos", talvez, de uma realidade, onde os fatos se tornam atos desconfortáveis, tristes e muitas vezes impossíveis de serem vividos após um determinado acontecimento inevitável.

Poder estender o tempo de um abraço, elastecer os segundos e minutos, paralisar sua passagem, criando uma nova imagem e um novo tempo paralelo em nossa mente. Essas são algumas das habilidades usadas pela capacidade de nossa subjetividade. Na literatura, usamos esse recurso para elaborar um tempo psicológico, um tempo subjetivo que é capaz de viajar entre espaços e variações não lineares:

O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente [...] (NUNES, 2003, p. 19).

Ficcionalizar esse tempo fornece expansão para a criação, elaboração de histórias capazes de nos desautomatizar do tempo real e encontrar um lugar inexplorado, refúgio de mentes inquietas, conforto para mentes abertas, como afirma Nunes: "Nas obras ou nos textos literários dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações" (NUNES, 2003, p. 24).

O tempo subjetivo na literatura descaracteriza o real, transportando-nos para uma alternativa imaginária de um mundo onde o passado, o presente e o

futuro podem ter infinitas interpretações e possibilidades não semânticas. Nunes mostra que: “O tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa. Também pode inverter a ordem desses momentos ou perturbar a distinção entre eles [...]” (NUNES, 2003, p. 25).

Assim, a alteração da ordem cronológica dos acontecimentos a respeito do nascimento de Benjamin Button, por exemplo, torna-se possível e, por maior estranhamento que possa causar, na ficção, ela faz sentido. Vemos o personagem nascer, aos 70 anos, e ir rejuvenescendo com o passar do tempo. Dessa fora a subjetividade é o caráter norteador dos fatos.

Vemos, então, que o tempo é também um condutor especial nesta narrativa, assim como o é a subjetividade. Quando unimos ambos, está construído o tempo subjetivo, norteador essencial dessa condição. Pensamos, desse modo, que Fitzgerald tenha provavelmente construído uma obra sobre o tempo e não essencialmente sobre um personagem. A observação de Candido (2004) sobre a personagem do romance também pode ser utilizada neste caso, já que romance e conto se configuram como narrativas. Vejamos:

Isto nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, - como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. (CANDIDO, 2004, p, 54)

É válido observar que outros elementos podem conduzir a força motriz na narrativa, além do personagem. O narrador, o espaço e, como vemos, o tempo são categorias relevantes e muito presentes na significação de um texto literário. A condição temporal e a subjetividade emanados da personagem mostram um Benjamin Button conduzido pelo tempo para fora do *continuum* cronológico e determinando suas ações e pensamentos. É um personagem catártico, construído para essa finalidade, explicação de um desejo e ou um medo de perpetuação do tempo, releitura de sua trajetória e a negação do fim.

No entanto, a verossimilhança da obra é mantida, porque Button tem, nesse tempo, muita proximidade com o humano e suas relações. No seu ato de rejuvenescer, passa pelas experiências naturais de cada fase. Nesse esteio, também está o fantástico, moldando características relevantes à narrativa. Sobre a manutenção da verossimilhança, Candido aponta:

Verifiquemos, inicialmente, que há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentido de verdade, que é a verossimilhança. (CANDIDO, 2004, p. 55)

O tempo psicológico é, sobretudo, onde a negação pode acontecer. A negação de circunstâncias é também uma subversão da ideia de permanência e a co-relação entre a existência e as questões temporais. Além do tempo, o espaço pode ser negado e subvertido.

A negação da morte é pois uma forte batalha contra o tempo e o herói ficcional se debruça fortemente nessa batalha para contornar o que é inevitavelmente finito e um ato de heroísmo, como aponta Becker:

Quando nos apercebemos de como é natural o homem lutar para ser um herói, como é profunda a penetração disso em sua constituição evolutiva e organísmica, com que franqueza ele o demonstra quando criança, fica ainda mais curioso o grau de ignorância que a maioria de nós, conscientemente, daquilo que realmente queremos e precisamos. Na nossa civilização, em todo caso, em especial na era moderna, o heroico parece grande demais para nós, ou nós parecemos pequenos demais para ele. (BECKER, 1973, p. 18)

Desse modo, somos levados a inferir que, pelo temor da morte, a construção de Benjamin Button como um herói às avessas dribla as condições adversas do tempo para que ele possa se glorificar.

3 TEMPO E NEGAÇÃO EM O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON

A ordem cronológica do tempo físico é o nascimento e a concepção da vida ao se tratar da ordem natural. Logo, faz o tempo objetivo ser temido. “Que coisa mais veloz, mais fugitiva, e mais instável que o tempo?” (NUNES, 2003, p.24)

A passagem do tempo remete à passagem das experiências e, por isso, ao temor de um tempo do qual precisamos fugir e negar: "Fomos educados para o medo", escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), ao observar o tempo cronológico, onde a velhice faz lembrar que se está cada vez

mais próximo da morte. Becker (1973, p. 25) aponta que “de todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o seu terror da morte.”

Existe então, um ideal utópico de retroceder o tempo, assumindo a negação ao envelhecimento, por acreditar que este traz a dor, a debilidade, a demência, a incapacidade do corpo em assumir suas vontades e, conseqüentemente, a morte. Assim, acredita-se que a partir da negação da passagem do tempo, da negação da morte, *O curioso caso de Benjamin Button* tenha vindo criticar a velhice e suas condições.

Francis Scott Fitzgerald nasceu em 1896, em Minnesota, Estados Unidos. Pertence a uma geração de escritores denominados de “Geração Perdida”, juntamente com Gertrude Stein, Ernest Hemingway, dentre outros, que simbolizava o conflito de valores cunhados antes e depois do pós-guerra, uma vez que tais valores já não faziam sentido numa América assolada pelo capitalismo materialista e carente de sensibilidade.

O curioso caso de Benjamin Button é um dos contos publicados em 1922, na coletânea *Seis contos da era do Jazz*. É um dos textos mais conhecidos de Fitzgerald, a revelia de ele ter sido sempre considerado um escritor de grandes romances. Obviamente, suas narrativas curtas tiveram pouca repercussão, em decorrência da maestria de seus romances, mas talvez deva-se ao cinema o sucesso de Benjamin Button, adaptado por David Fincher, em 2008.

O conto narra a história do nascimento de Benjamin Button, um “bebê” enrugado e estranho, ao qual o pai não sabia como receber nem amar: “Não havia engano algum: estava olhando para um homem de setenta anos... um bebê de setenta anos cujos pés pendiam dos lados do berço em que repousava.” (FITZGERALD, 2009, p. 8)

O pensamento de que sua alma não irá acompanhar sua matéria, sendo essa passível ao apodrecimento, traz a fuga da realidade vivida no presente negando um futuro certo, atingível e não escapatório.

Quando criança, não temos o sentido geral de concepção da morte, e por isso, o medo do que ela significa não existe. Benjamin Button nasce velho com toda individualidade e experiência atribuída a um homem de 70 anos e, com consciência do fim, vai retroceder o tempo biológico natural ficando mais jovem a cada ano. É essa imagem jovial e a necessidade dela que F. Scott Fitzgerald

faz perdurar na narrativa, deixando a velhice transpor um outro plano, ao contrário da ordem cronológica vivenciada pelo humano (nascer, viver, morrer).

Na juventude, Benjamin sente a vitalidade dos dias plenos e áureos, nos quais vivencia os arroubos, os amores, as experiências da vida mundana: “[...] passou a sentir um ingênuo prazer com a sua aparência.” (FITZGERALD, 2009, p. 41). O movimento que altera a cronologia da vida também lega ao personagem sua inconsistência e a sabedoria que havia na velhice, o questionamento de todas as coisas e condições vai se transformando numa visão ingênua da realidade.

Neste momento, o medo do desconhecido é maior. Segundo Becker (1973), nascemos do escuro, no desconhecido da vida, e é a partir desse desconhecido que questionamos qual o verdadeiro sentido do tempo.

Ao completar dezoito anos, Benjamin era ereto como um homem de cinquenta; tinha mais cabelos, e esses eram de um cinza-escuro; o passo era firme, e a voz perdera o tom temido e rachado [...] (FITZGERALD, 2009, p. 40)

O próprio Benjamin se admira do que a vida lhe propiciara. Em um determinado momento, todos temos um despertar; nossas frações de tempo são individuais em relação ao que nos fazem enxergar a existência. O que nos diferencia de todos os outros seres vivos é a certeza que a vida tem fim e a velhice é a confirmação dessa finitude. Benjamin estranhava a adversidade do próprio corpo, “[...] ele temia que, se sofresse uma fratura, os seus velhos ossos recusassem a unir-se de novo” (FITZGERALD, 2009, p. 21), tanto que, ao começar a rejuvenescer, sente que há um caminho contrário traçado para sua existência.

Neste caso, a negação da morte e as adversidades da velhice levam o personagem a um rompimento do que é finito. Aos vinte anos, descobre o amor pela bela jovem Hildegarde Moncrief:

Uma mudança quase química pareceu recompor os próprios elementos do seu corpo. Percorreu-o um calafrio, subiu-lhe o sangue às faces e à testa e sentiu um latejar constante nos ouvidos. Era o primeiro amor. (FITZGERALD, 2009, p. 29)

No auge da juventude anseia permanecer com a plenitude de um corpo jovem e o amor parece revitalizar ainda mais o corpo de Benjamin Button. O

tempo reverso na obra não só nos permite verificar a negação, mas também nos mostra como o autor imprime a eternização do momento no caminho retrocesso de fazer o protagonista “morrer” bebê.

Becker (1973) mostra que a consciência do momento finito intensifica a vida jovem e molda as experiências a serem eternizadas. Podemos articular essa consciência a Button, mas de forma contrária, pois ele já sabia o que a velhice e as limitações que impõe.

É fácil perceber que ao reverter o tempo Fitzgerald questiona os estágios da velhice e da juventude e deixa o terror da morte implícito. Somente depois do sentimento aflorado por Hildegarde, Benjamin Button sente a vida começar exatamente porque o sentido de fim ficou para trás, com a velhice que agora desaparecera:

Mas quando chegou a sua vez e deslizou com ela pelo chão mutável ao ritmo da música da mais recente valsa parisiense, os seus ciúmes e ansiedades dissolveram-se e escorreram dele como um manto de neve. Cego pelo arrebatamento, sentiu que a vida estava apenas começando. (FITZGERALD, 2009, p. 30)

Dessa forma, a certeza do fim é negada, até Button se dá conta de que Hildegarde envelhecerá: “[...] Benjamin descobriu que estava se sentindo cada vez mais atraído pelo lado alegre da vida. [...] Ao encontrá-lo na rua, os seus contemporâneos fitavam invejosamente a sua imagem de saúde e vitalidade.” (FITZGERALD, 2009, p. 36).

Benjamin Button é o resultado da juventude que, quando descoberta e sentida ao extremo, é capaz de negar, rejeitar, afastar tudo o que não se adequa a sua vitalidade. O personagem pede para viver as experiências desse momento ainda não vivenciado, e vive a inconstância da negação do tempo, conseqüentemente, da negação da morte. Nele, a vivência do tempo subvertido é extrema e a descoberta do novo é surpreendente.

Enquanto rejuvenescia, Benjamin enfrentava o amadurecimento de Hildegarde. Isso era para ele insuportável, porque era como sentir um tempo finito que passava paralelamente ao seu, que começava: “Havia apenas um senão no delicioso unguento: detestava aparecer em público com a mulher. Hildegarde tinha quase cinquenta anos e o aspecto dela fazia-o sentir-se absurdo...” (FITZGERALD, 2009, p. 41).

Ao voltar à infância, Benjamin Button se sentia feliz pelo acolhimento do filho Roscoe, que já tivera também um filho, com o qual ele brincava no jardim e estudava na mesma escola. Aos poucos, Button vai perdendo a capacidade de lembrar da maturidade, tornando-se cada vez mais inexperiente com as coisas que fazia antes. Mas sentia muita paz neste momento reverso de sua vida. Era fácil não se preocupar, fácil não lembrar os dias ruins, todo o empenho em esconder quem era e porque o tempo era diferente para ele. Não havia coisas para negar. Tudo o que merecia negação já havia passado.

Às vezes, quando outras crianças falavam do que fariam quando crescessem, perpassava uma sombra pelo seu pequeno rosto como se ele compreendesse, de um modo vago e infantil, que nunca partilharia aquelas coisas. (FITZGERALD, 2009, p. 51)

No seu retorno ao berço, Benjamin Button perpetua a vida. O personagem torna-se um herói na batalha com o tempo, mas não contra ele, pois o terror da morte inexistente:

Não se lembrava. Não se lembrava com clareza se o leite estava morno ou frio da última vez que comera nem de como os dias passavam – havia apenas o seu berço e a presença familiar de Nana. E depois esqueceu-se de tudo. Quando tinha fome gritava – mais nada. Durante as tardes e as noites respirava e havia sobre ele suaves resmungos e murmúrios que mal ouvia, odores levemente diferenciados, luz e escuridão.

Depois escureceu tudo e o seu berço branco, e os rostos obscuros que pairavam sobre ele, e o aroma morno do leite desvaneceram-se por completo da sua mente. (FITZGERALD, 2009, p. 53).

Consolida-se, assim, o retorno ao desconhecido e Benjamin Button passa ao esquecimento, ao tempo perpetuo onde as experiências inexistem, pois ainda serão construídas e depois vividas. O conto, então, finaliza com um tom de começo e não há efetivamente um fim para o personagem, eternizando-o.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incongruência entre o tempo do relógio e do calendário e o tempo vivido, subjetivo, fragmentado, múltiplo e incerto, a subjetividade impressa no conto *O Curioso Caso de Benjamim Button* desperta a importância de levar em consideração os caminhos pelos quais o autor transfigura a vida ao criar uma história. Nessa criação, todo pensamento, sentimento, certezas e incertezas sobre a passagem do tempo estão nas mãos do artista, que pode endossá-lo, reconstruí-lo, transmutá-lo ou negá-lo.

O tempo cronológico da vida humana estabelece ao corpo um início, um meio e um fim. Isso é inevitável e uma certeza que desenvolvemos ao longo da vida é de que um dia o corpo findará. Na ficção, essa ordem cronológica e linear pode ser subvertida e a morte, por assim dizer, negada. *O Curioso Caso de Benjamim Button* mostra essa negação ao conceder ao protagonista um caminho inverso para o corpo.

Assim, Benjamin Button rejuvenesce, na medida em que as outras pessoas envelhecem. Não chega a conhecer a morte, pois já tendo nascido idoso, retorna ao berço ao invés de ser encaminhado ao túmulo. O tempo reverso construído por Fitzgerald lega ao personagem o desconhecimento da própria morte, apesar de ter conhecimento dela através das pessoas que ama.

Dessa forma, conhecemos a habilidade ficcional de reversão do tempo. Sabemos que o homem sempre buscou uma forma de perpetuar a existência, de adiar a morte e até mesmo negá-la. Os escritores encontraram na ficção uma forma de imprimir isso e *O Curioso Caso de Benjamim Button* é um exemplo de como o tempo que passa pode ser vivido ao contrário. Ao lermos a obra, temos a impressão de que a descontinuidade temporal é uma maneira de vivenciar as experiências ao contrário e torná-las mais significativas e intensas. Cria-se um personagem que não vai envelhecer, cria-se um retorno à concepção e, por assim dizer, um retorno à vida.

REFERÊNCIAS

BECKER, Ernest. **A negação da Morte**. Rio de Janeiro: Record, 1973.

BRAGA, Maria Alice da Silva. Tempo e memória em *O curioso caso de Benjamin Button*. In: **Texturas**, nº 21-22, p. 115-124, Canoas: 2010.

CANDIDO, Antonio et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. O curioso caso de Benjamin Button: um estudo comparado entre o conto, a narrativa gráfica e o filme. In: **Anais do CENA**, volume 1, número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

FITZGERALD, Francis Scott. **O Curioso Caso de Benjamin Button**. São Paulo: Ediouro, 2009.

NUNES. Benedito. **O tempo na Narrativa**. São Paulo: Ática, 2003.